

www.feedfood.com.br

ACESSE O
APLICATIVO
REVISTA
FEED&FOOD



feed&food

PORTA-VOZ DA AGROINDÚSTRIA DA CADEIA DE PROTEÍNA ANIMAL

ANO IX - Nº 100 - AGO 15 - R\$ 18,00

Ciasulli
EDITORES



**DEZ ANOS, CENTÉSIMA EDIÇÃO E CEM MIL LEITORES.
UM VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADO COM O
MERCADO DE PRODUÇÃO DE PROTEÍNA ANIMAL**

**SUÍNOS
SNDS REÚNE
ESPECIALISTAS DE
DIVERSAS ÁREAS
EM CUMBUCO (CE)**

**FAST NEWS 10 ANOS
O MERCADO
INTEGRADO POR
MAIS DE UMA
DÉCADA**

**PROFISSIONAIS & NEGÓCIOS
A INCRÍVEL HISTÓRIA DE UMA
EMPRESA DESCONHECIDA QUE
ENTROU NO BRASIL E DOBROU
DE TAMANHO EM TRÊS ANOS**



MARCELO MARTINS,
DIRETOR EXECUTIVO
VIVA LÁCTEOS

A VIVA LÁCTEOS (Brasília/DF) surgiu há dois anos em um dos momentos mais importantes para o setor de leite no Brasil. Segundo a FAO, o País é o quarto maior produtor mundial de leite, com 36 bilhões de litros por ano. Em dez anos tivemos uma taxa média de crescimento de quase 5% ao ano, 50% no período. O Brasil consome mais leite fluido do que países como França e Argentina.

A qualidade do leite é fundamental para o incremento do consumo. Porém, as exigências não se limitam à questão da qualidade, mas estende-se à necessidade de desenvolver novos produtos com base láctea que atendam a demanda dos diversos perfis de consumidores e a inovação, neste sentido, também é uma grande conquista.

Desde 2008, o Brasil deixou de ser exportador de lácteos e passou novamente à condição de importador. No entanto, a Viva Lácteos vem atuando na busca de novos mercados para os produtos brasileiros, por meio da organização de missões de habilitação para exportação, a exemplo da Rússia, Cuba, Chile e Bolívia. Recentemente, o setor conquistou o mercado Russo e a busca pela abertura do mercado internacional continua. Atualmente, as exportações estão concentradas na América Latina, África e Oriente Médio, destino de 80% das vendas externas de leite e derivados.

Nestes dez anos a revista feed&food tem testemunhado a evolução da indústria de lácteos brasileira e seus desafios para ganhar mercado interno e externo. Soube registrar a história, e antever o futuro. É também um importante veículo que registra cada avanço do setor e os desafios da atualidade. Fazer parte dessa história é motivo de orgulho para todos que compõem a Associação Brasileira de Laticínios.

**ITAMAR ROCHA E
MARCELO BORBA,**
PRESIDENTE E
EXECUTIVO DA ABCC

PARA os executivos, a revista feed&food se constituiu em um importante aliado à carcinicultura brasileira. “Há exatos quatro anos, na edição de agosto de 2011, iniciou-se uma valiosa e sólida parceria, hoje consolidada, entre a ABCC e a Revista feed&food, por meio da criação da Coluna ABCC News como parte integrante desta renomada publicação especializada, que tem o seu foco centrado na indústria brasileira de produção de proteína animal. De lá para cá, a parceria vem se estreitando cada vez mais e, além de fazer uma cobertura integral de todas as edições da Fenacam tem sido importante aliado do setor, oferecendo periodicamente aos seus leitores uma imagem realista da evolução da carcinicultura nacional. Em todos os momentos, mês a mês e ano a ano, a ABCC vem obtendo da feed&food o necessário apoio para transmitir suas opiniões, bem como suas lutas e desafios para romper obstáculos burocráticos e demonstrar que é possível desenvolver o cultivo do camarão marinho com sustentabilidade ambiental e contribuição social. Foram, até o presente, mais de 45 publicações entre artigos e matérias sobre o setor, desde questões de cunho técnico e estratégico até aspectos relativos ao comércio nacional e internacional do camarão cultivado.



**GODOFREDO
MILTENBURG,**
PRESIDENTE DA
ABRAVES/SP

ACHO muito importante a união de todos os elos de produção animal: carne de bovinos, suínos, aves, peixe, leite e ovos. A nutrição em toda a cadeia de produção animal significa o maior custo e hoje, com as novas tecnologias, respondem pela sustentabilidade do negócio de produção animal, claro, sem desmerecer a genética, ambiência e sanidade. Diante disso, a revista feed&food proporciona um diálogo melhor entre os diferentes elos da cadeia alimentar, especialmente na cadeia de produção animal, mostra para os responsáveis de cada área, outros segmentos. É muito importante para todos conhecerem as outras áreas, sempre podemos aprender, ainda mais hoje que muitas tecnologias de nutrição são aplicadas em diversos setores. Portanto, a revista feed&food mostra de forma abrangente toda a cadeia de produção animal. Ela é uma fonte importante de informações do mercado. Informa as últimas tecnologias nas várias áreas da produção animal.



CARLOS PULICI,
PRESIDENTE
DA ANFEAS

“O PROFISIONALISMO marca os dez anos da revista feed&food. Prova disso, foi o crescimento extraordinário de leitores, comprovando a importância da publicação no diálogo com os elos do mercado”.



OS DESAFIOS E OPORTUNIDADES CONFRONTADOS PELO CULTIVO DO CAMARÃO MARINHO NO BRASIL

ITAMAR DE PAIVA ROCHA

A carcinicultura marinha, que encontra condições ideais para se desenvolver, especialmente na Região Nordeste, onde estão localizados 98% de suas unidades produtivas, completou 30 anos do início de sua produção comercial. Trata-se, portanto, de um agronegócio da economia brasileira relativamente novo e de promissor futuro, cuja evolução revelou favoráveis características sociais e econômicas para o desenvolvimento do meio rural da Região, com especial destaque para a redistribuição da renda e geração de empregos permanentes, o que inclusive, permitem reflexões mais objetivas nesta revisão setorial.

Em breves linhas, pode-se dizer que a carcinicultura comercial, depois de vencer as etapas de testes e ajustes com adaptação de tecnologias importadas e, finalmente, desenvolver-se em termos definitivos e sustentáveis no Nordeste, passou por dois períodos que marcaram seu desempenho e, na atualidade, após superar diversos entraves e definir um novo modelo de exploração, entra no limiar de sua terceira etapa, se adequando às medidas de superação e de convivência com as doenças virais (WSSV e IMNV), de tal modo que possa recuperar

sua capacidade produtiva e colocar o nosso camarão de volta ao *trading* internacional.

No primeiro período 1984/2003, graças ao sucesso na adaptação da tecnologia internacional, ficou demonstrado o promissor potencial de exploração dos vastos e variados recursos naturais disponíveis na Região para o novo agronegócio, promovendo a expansão da cadeia produtiva, sem afetar as florestas de manguezais e obtendo-se um camarão de alta qualidade. Como consequência, o camarão brasileiro se destacou de tal ordem que abriu as portas dos principais mercados: Estados

NO ANO DE 2003, O BRASIL ATINGIU A MAIOR PRODUTIVIDADE MUNDIAL SETORIAL (6.083 KG/HA/ANO), CUJA PRODUÇÃO ALCANÇOU 90.190 T, SENDO 70% DESTINADO AO MERCADO INTERNACIONAL

Unidos e União Europeia. No ano de 2003, o Brasil atingiu a maior produtividade mundial setorial (6.083 kg/ha/ano), cuja produção atingiu mais de 90 mil toneladas, sendo 70% destinado ao mercado internacional, proporcionando uma destacada posição nas importações norte-americanas de camarão (1º lugar na categoria camarões pequenos e médios) e da União Europeia, na qual ostentou o primeiro lugar em 2004, com destaque para a França (28%) e Espanha (12%), ou seja, os mais exigentes mercados para frutos do mar da região, período no qual o produto equatoriano teve uma pífia participação com apenas 7% somando os respectivos países.

O segundo período 2004/2013, por sua vez, se confrontou, de um lado, pelos obstáculos advindos da decretação da ação *antidumping* imposta pelos EUA contra o camarão de vários países, entre eles, o Brasil, afetando e paralisando os embarques para o principal mercado internacional e, de outro, pela desvalorização cambial, sem qualquer compensação financeira, que tirou a competitividade das exportações para a UE. Paralelamente, outro complicador se deu pelo surgimento de enfermidades virais, a IMNV no Nordeste (2003) e a Mancha Branca (WSSV) em Santa Catarina (2004), esta última tem causado severos prejuízos nos principais países produtores, impactando drasticamente na carcinicultura nacional tanto em produtividade como em produção. A seriedade do período pode ser analisada em números, uma produção de 90.190 toneladas (2003) para 65 mil (2006 a 2009), com níveis de recuperação a partir de 2010, contabilizando 85 mil toneladas em 2014.

Por outro lado, este mesmo período trouxe um aspecto digno de menção: o esforço financeiro e estratégico de sua cadeia produtiva para adaptar-se às exigências e às peculiaridades do consumidor brasileiro. A verdade é que em 2014, 99,7% da produção foi absorvida pelo mercado interno, que



mesmo assim, apresentou um consumo médio *per capita* de apenas 0,55 kg/ano, comparado com 44 kg/ano de carnes de aves e 55,5 kg/ano de carnes vermelhas, o que mostra existir amplas perspectivas de crescimento.

O retrato que fortalece e demonstra a carcinicultura brasileira está contido no uso das Boas Práticas de Manejo, que incluem técnicas aperfeiçoadas de cultivo, associadas às medidas de biossegurança, ambas elaboradas e disponibilizadas pela Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC, Natal/RN) e Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, Brasília/DF) visando, acima de tudo, assegurar a convivência da produção com as enfermidades virais dos camarões e garantir a sustentabilidade ambiental e social da atividade. Esse novo posicionamento setorial, enfatizado e disseminado a partir de 2010, exige dedicação e empenho do produtor e do setor como um todo, demandando total envolvimento da entidade nacional e suas afiliadas estaduais, com apoio do MPA, para viabilizar a execução das indispensáveis ações sistemáticas e descentralizadas de capacitação e reciclagem do setor. Essas ações requerem complementos de políticas públicas e incentivos governamentais específicos, pelos quais o setor luta permanentemente, até como forma de se contrapor e conviver com os efeitos adversos da disseminação da Mancha Branca (WSSV), sendo a alternativa de maior viabilidade para a recuperação da carcinicultura nacional, dando início a um novo período, cuja efetivação dessas ações norteará a retomada de seu crescimento.

Nessa revisão dos trinta anos aqui analisada, pode-se inferir que a carcinicultura nacional vivenciou momentos marcados por barreiras ao seu desenvolvimento, que exigiram e continuam a exigir esforços consistentes. Com efeito, apesar de revelar-se como uma das raras alternativas para a incorporação do micro e do pequeno produtor rural como protagonistas da atividade e com a geração de empregos permanentes para trabalhadores de baixa qualificação profissional, essa atividade segue confrontando uma série de entraves burocráticos, dentre estes, a falta de licenças ambientais e de financiamentos bancários, que penalizam especialmente, o micro e o pequeno produtor que, em números relativos, participam com 75% (1,5 mil) de um total de dois mil empreendimentos implantados no meio rural apenas da Região Nordeste.

Os referidos obstáculos, é preciso que se diga, são derivados em grande medida de uma exacerbação ambientalista de origem

EM 2014, 99,7% DA PRODUÇÃO BRASILEIRA FOI ABSORVIDA PELO MERCADO INTERNO QUE, MESMO ASSIM, APRESENTOU UM CONSUMO MÉDIO PER CAPITA DE APENAS 0,55 KG/ANO, COMPARADO COM 44 KG/ANO DE CARNES DE AVES E 55,5 KG/ANO DE CARNES VERMELHAS, O QUE MOSTRA EXISTIR AMPLAS PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO

internacional, que encontra ressonância nas ONGs brasileiras, contribuindo em grande parte, para a lentidão com que a atividade avança no País. Com o extraordinário potencial para o cultivo do camarão *Litopenaeus vannamei*, cujas áreas apropriadas cobrem uma extensão superior a um milhão de hectares, dos quais, apenas 23 mil hectares (2,3%) estão sendo utilizados, se racionalmente aproveitadas, levaria a interiorização de um desenvolvimento com real equidade social. Basta ver o exemplo do Equador, com apenas 600 km de costa, explorou 220 mil ha com cultivo de camarão marinho, produzindo 330 mil t, cujas exportações de 277.160 t geraram US\$ 2,3 bilhões de divisas em 2014. Da mesma forma, o Vietnã,

um pequeno país do sudeste asiático, que ocupa o quarto e primeiro lugar como produtor e exportador (US\$ 3,9 bilhões) mundial de camarão cultivado.

Para seguir crescendo doméstica e internacionalmente é necessário vencer três obstáculos de âmbito institucional com ramificações de ordem política:

- A suspensão da autorização decorrente da equivocada Análise de Risco de Importação do *Pleoticus muelleri* da Argentina e, das demais ARIs de camarões de diversos países afetados por enfermidades virais de importância econômica, dentre estas a do camarão equatoriano, detentor de nove doenças de notificação obrigatória ou de alto risco epidemiológico;
- A ação *antidumping* dos EUA, depois de dez anos, continua impedindo o acesso do nosso camarão ao mercado norte-americano;
- A perda dos benefícios do Sistema Geral de Preferência da União Europeia (SGP) para os produtos brasileiros, entre eles, o camarão cultivado, que em 2014, em lugar da tarifa preferencial de 4,2%, passou a pagar 12% (camarão *in natura*/congelado) e 20% (camarão com valor agregado).

Em realidade, as soluções político-administrativas para a superação desses três obstáculos contribuiriam, em grande medida, para a expansão sustentável da carcinicultura nacional, que pode transformar o Brasil em um dos maiores produtores de camarão cultivado do mundo. ■

ITAMAR ROCHA,

é engenheiro de Pesca CREA 7226-D/PE (ipr1150@gmail.com); presidente da MCR Aquacultura LTDA (mcr@aquacultura.com.br); presidente da ABCC (abccam@abccam.com.br); diretor do Deagro; conselheiro do Cosag/Fiesp e do Conape/MPA

